

MODOS DE LER AS LITERATURAS INDÍGENAS:

Considerações sobre algumas colaborações de Jaider Esbell para um possível sistema de arte indígena contemporânea

WAYS OF READING INDIGENOUS LITERATURES:

Considerations on some of Jaider Esbell's contributions to a possible contemporary Indigenous art system



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 16/07/2025

Aprovação do trabalho: 12/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Anna Paula Ferreira da Silva  
annapaulaufrr@gmail.com
 Universidade Federal Fluminense

COMO CITAR

FERREIRA DA SILVA, Anna Paula. MODOS DE LER AS LITERATURAS INDÍGENAS: Considerações sobre algumas colaborações de Jaider Esbell para um possível sistema de arte indígena contemporânea. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 127-134, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1069>.

Resumo

O presente texto discute brevemente sobre algumas especificidades dos textos de autoria indígena, apontando sucintamente que a emergente literatura de autoria indígena brasileira não somente “encosta” nos conceitos literários de cunho ocidental, mas os utiliza como ferramenta para assim constituir (ou ir constituindo) um sistema literário indígena que, apesar da forte influência ocidental, dispõe de certa singularidade temática e tem concepções divergentes especialmente porque o texto literário está sujeito ao contexto de criação, às especificidades estruturais do texto e ao leitor/receptor.

Palavras-chave: Leitor; Textos indígenas; Singularidades temáticas.

Abstract:

This text briefly discusses some specificities of texts by indigenous authors, succinctly pointing out that the emerging literature of Brazilian indigenous authorship not only “leans” on Western literary concepts, but uses them as a tool to constitute (or constitute) an indigenous literary system which, despite the strong Western influence, has a certain thematic singularity and has divergent conceptions, especially because the literary text is subject to the context of creation, the structural specificities of the text and the reader/receiver.

Keywords: Reader; Indigenous texts; Thematic singularities.

Introdução

“A arte indígena encosta na arte geral enquanto sistemas próprios, mas elas não se fundem nem se confundem, a priori.”

Jaidier Esbell

A arte literária, em seu sentido geral, não é estática, tendo em vista a sua dependência quanto ao contexto, à estética adotada, à subjetividade do artista e, para além de toda técnica utilizada em sua concepção, é necessário levar em consideração as múltiplas perspectivas quanto à recepção. Nesse sentido, Kaka Werá Jecupé apontou, em um vídeo no “YouTube”, no qual ele discursa sobre o conceito de *cosmovisão* na cultura indígena, que: “O mundo tem as cores que damos a ele. Cada um o enxerga a sua maneira”. Um discurso que ilustra sucintamente o quanto a perspectiva molda os modos de enxergarmos/lermos o mundo.

No âmbito literário a perspectiva também influencia os modos de interpretação de determinado texto. Ainda que uma obra tenha constituição concreta em seu contexto de criação e que leve em consideração determinadas técnicas e conceitos estabelecidos no decorrer da história da literatura, ainda assim ela (a obra) estará sujeita às “bagagens” intrínsecas a cada receptor. É o que diz Regina Zilberman em *Novas Palavras da Crítica* (2021), no verbete *Leitor*, quando salienta que o leitor – tanto o considerado “entidade teórica”, quanto o “persona histórica e ideológica” – “(...) não pode ser desconsiderado no processo de composição de um texto de propensão artística.” (Zilberman, p.312) – por isso coloca-os ainda como “responsáveis pela execução de um texto”.

Tocamos brevemente na relevância do leitor, enquanto constituinte do processo de composição de uma arte literária, devido a sua importante função para justificativa da temática voltada para a sistematização da literatura indígena, a partir dos escritos de Jaidier Esbell, foco da nossa discussão. Isso porque há, no atual período cronológico, um certo desconforto quanto à constituição da emergente literatura de autoria indígena no âmbito brasileiro, tendo em vista que parte dos escritores indígenas não está em consonância no que diz respeito às técnicas de escrita literária constituídas historicamente pela ocidentalidade. No entanto, essa divergência pode impactar na participação do receptor (no processo de constituição de um texto literário) que sofre/sofreu influências históricas do contexto educacional voltado sobretudo para a cultura ocidental, predominante no contexto brasileiro. Nesse processo de recepção, entender as peculiaridades quanto aos modos de assimilação de uma literatura, pode ser uma entre as várias engrenagens que compõem a “máquina” interpretativa. Penso também que um outro mecanismo crucial para esse processo consiste na prévia compreensão (por parte do receptor) das técnicas quanto ao estilo de escrita, bem como um certo conhecimento referente às abordagens temáticas. Unindo esses aspectos, talvez tenhamos o primeiro passo rumo a uma melhor compreensão e interpretação dos textos de autoria indígena. Vale ressaltar que esse tipo de texto é incipiente. Talvez isso justifique a atual dificuldade de entendimento das técnicas e intenções de escrita dos textos indígenas contemporâneos.

Assim, intentando colaborar para que haja um melhor entendimento das especificidades dos textos de autoria indígena, nossa minha intenção consistiu em apontar, sucinta e especialmente, que a emergente literatura de autoria indígena brasileira não somente “encosta” (como salientou Jaider Esbell na citação utilizada como epígrafe deste texto) nos conceitos literários de cunho ocidental, mas os utiliza como ferramenta para assim constituir (ou ir constituindo) um sistema literário indígena que, apesar da forte influência ocidental, dispõe de certa singularidade temática e tem concepções divergentes especialmente porque o texto literário está sujeito ao contexto de criação, às especificidades estruturais do texto e ao leitor/receptor.

1 Considerações sobre a matéria prima da literatura

No âmbito literário, a exposição da arte ocorre por meio da mensagem textual disposta nos mais diversos veículos de propagação, como livros físicos e digitais, cartazes, folhas pautadas ou não, muros, publicações em redes sociais, e em muitos objetos também. Certa vez, caminhando por Lisboa, li um poema de Alberto Caeiro, escrito com tinta branca no asfalto.

E por falar nessa lembrança lisboeta, ocorreu-me que ao relembrar o poema de Caeiro, enxerguei-o em meus pensamentos em conjunto com imagens daquele momento que a minha falha memória conseguiu reconstituir após oito anos. Digo isso para reforçar que a literatura (que, em um sentido amplo, é a arte da palavra) depende da palavra escrita em determinado veículo, assim como sua interpretação também depende do contexto de leitura. Hoje, ao relembrar o poema de Caeiro não sou capaz de o enxergar nitidamente tal qual o visualizei em setembro de 2017. Vejo-o por meio de imagem borrada, aos moldes de uma pintura impressionista. Ilustro assim a relevância do texto escrito, ou seja, fixado em qualquer meio possível para salientar sua imprescindibilidade enquanto matéria prima da literatura.

Contudo, um texto literário não se constitui apenas pela sua fixação por meio da palavra escrita, antes disso é imprescindível que o escritor arquitete mentalmente a temática, o meio de escrita, suas intenções, sua função sociocomunicativa, imprimindo-as por meio das palavras constituintes da obra até que esta chegue às mãos do receptor. Desse modo, o leitor decodifica seus signos, criando suas imagens, sua própria interpretação a partir de todo um processo no qual é visível a influência de tudo aquilo que cruza esse processo, ou seja, os meios que o levaram a sua interpretação “pessoal”.

Antonio Candido, em *Direito à Literatura* (Candido, 2015, p.177), afirmou que a literatura é uma manifestação universal e que não existe nenhum homem capaz de viver sem ela. Acrescentou ainda que “ninguém pode passar 24h sem mergulhar no universo da ficção e da poesia.”. Suponho que as colocações de Candido (2015) têm a ver com a constante capacidade do homem em fantasiar/criar situações hipotéticas. Inclusive, o próprio texto literário representa esse fenômeno psicológico. Exemplo disso é a passagem a seguir, em que Camilo (personagem que compõe o triângulo amoroso com Vilela e Rita no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis) antecipa o desfecho trágico da

narrativa por meio da imaginação hipotética da cena.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera. — Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel. Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. (Assis, 1994, p.4)

Até que um texto seja de fato constituído, ele está subordinado à imaginação de quem o criou, que por sua vez também buscou inspiração em algo já idealizado por outrem, que possivelmente já fora idealizado por outros, num processo cíclico, quase infinito, possibilitando o cruzamento de ideias modificadas sobretudo pelo contexto de criação e recepção.

Assim, com base em "outros", o escritor arquiteta seu texto mentalmente, para posteriormente o concretizar por meio das palavras, possibilitando, a partir da escrita, sua propagação. Contudo, no momento em que seu texto é "entregue" ao leitor, ele passará por modificações devido às influências do contato do texto apreendido pelo receptor com as vivências intrínsecas a cada ser humano, abrindo margem a novas interpretações. Assim, percebe-se que o processo imagético ocorre anteriormente à concepção do texto (por meio do cruzamento de ideias oriundas de contextos diversos), precedendo o momento da escrita (por parte do autor) e, por fim (ou não), quase simultaneamente ao ato de ler. Vale ressaltar que as imagens produzidas no ato da leitura acompanham (mesmo que de modo impreciso e/ou divergente) o leitor toda vez que ele relembra/rememora o texto lido.

Tocamos na participação das imagens produzidas no processo de constituição, de assimilação e até mesmo após a leitura de um texto literário, a fim de tentar refletir sobre o fato de um texto nunca ser compreendido tal qual o artista o concebeu. E é justamente neste aspecto que reside uma entre as várias riquezas possibilitadas pela literatura: seu efeito de sempre permitir leituras singulares/únicas.

Assim, não há como dissociar o texto das imagens criadas pelo leitor no processo de leitura. Na minha leitura da citação de A Cartomante (1994), recriei em meus pensamentos a cena do desfecho imaginado por Camilo, mas é evidente que cada leitor cria suas próprias imagens, fruto de uma interpretação única porque há o entrecruzamento de ideias e imagens oriundas de um infinito processo de influências/trocas e transferências culturais.

Logo, é possível compreender Antonio Candido quando ele salienta que ninguém vive um dia sem entrar em contato com a poesia e ficção. Essa acepção é semelhante àqueles questionamentos

referentes a que surgiu primeiro: “o ovo ou a galinha?” O fato é que um não existe sem o outro. A imaginação é inerente ao homem, que por sua vez a espelha em forma de arte (seja dançando, compondo músicas, poemas, romances, pinturas, filmes, esculturas...). Eles coexistem, assim como não podemos criar as narrativas imaginariamente constituídas sem produzir imagens subordinadas às nossas perspectivas. O artista possivelmente também concebe seu texto literário a partir do contato com as imagens arquitetadas previamente por meio de sua imaginação – como refletimos anteriormente. Nesse processo de constituição de um texto literário a imaginação, o autor, o texto e o leitor estão interligados. Não obstante, a cada nova recepção, há sempre um novo texto.

Dessa maneira, entendemos aqui que literatura e pensamento são indissociáveis, tal qual apontou Antonio Candido, quando compreendeu que a criação ficcional ou poética perpassa pela imaginação: “Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.” (p.177, 2015”).

A criação ficcional ou a poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, hqs, noticiário policial, canção popular, moda de viola, sangue carnavalesco. (Candido, 2015, p.177)

Se levarmos em consideração a relevância da perspectiva e participação do leitor na constituição de um texto literário, é possível compreender que a arte literária assim, dialogicamente constituída, não abre margem à possibilidade de imposição quanto à interpretação.

Assim, é relevante ressaltar que um texto literário de autoria indígena, por mais que obedeça às “regras” impostas por um sistema próprio, muito provavelmente está subordinado às interpretações de seus receptores (e por isso, tem-se sempre um novo texto, a cada nova leitura), os quais nem sempre compreendem a cultura do escritor, o que pode ser mote para uma leitura divergente da esperada pelo autor. Ailton Krenak confirmou isso na entrevista concedida em 2013 a Sérgio Cohn, quando relatou a relevância da propagação dos textos indígenas: “A recepção dessas mensagens, dessa comunicação, é essencial. Só a emissão não é o suficiente. É preciso de recepção. Alguém do outro lado ouvindo essa canção, é necessário.” (Krenac, 2019, p.49). Assim, justificamos a necessidade de levarmos em consideração a perspectiva do leitor.

2 Jaider Esbell e uma possível proposta de sistematização da AIC

Com base nos relevantes estudos, em torno da constituição de um texto, desenvolvidos ao longo dos séculos, a arte literária estruturou-se, ganhando tipologias específicas, conceitos, categorias, constituindo assim uma certa consolidação enquanto *a arte da palavra*. Mas essas acepções nunca foram suficientes para concretizarem um conceito para a *arte da palavra*. Assim, apesar de haver uma certa padronização quanto às técnicas e estruturas adotadas, o seu processo criativo não se limita a elas.

Ao longo dos períodos artisticamente organizados, alguns textos provavelmente causaram nos receptores um certo desconforto, estranhamento e/ou surpresa devido às influências inerentes aos seus respectivos contextos de criação – e até mesmo após eles. Quem leu *A Odisseia*, deve ter se espantando com toda a saga referente à volta de *Ulisses à Ítaca*. Foram dez anos combatendo deuses e semideuses, unindo sua perspicácia com a proteção de *Palas Atena* para chegar aos braços de *Penélope* e *Telêmaco* após árduos vinte anos. Mas não há necessidade de irmos à antiguidade clássica para compreendermos quão amplo é o processo criativo de um texto literário. Para tanto, basta lembrarmos da narrativa machadiana, na qual há um *autor defunto ou defunto autor*, que decide começar a narrar pelo epílogo; sem contar com os poemas compostos por uma ou duas palavras, como é o caso do “Amor/Humor”, de Oswald de Andrade; há ainda os poemas concretos, os quais dispõem palavras ou/e letras aparentemente soltas no espaço em branco, mas que mesmo assim não deixam de emanar subjetividade. E os animais personificados nas fábulas de Esopo e La Fontaine? Para finalizar esta exemplificação quanto a liberdade na concepção literária, cita-se sucintamente a literatura fantástica também cunhada de realismo mágico/fantástico. Nela tudo é possível. *Macondo* está aí para provar que o real e o fantástico podem sim coexistir.

Assim, é possível ter uma básica noção de que a arte literária não se restringe a um conceito limitador, tendo em vista seu complexo processo criativo. Isso porque as temáticas são ilimitadas e variadas, assim como a organização temporal, espacial, a forma fantástica ou verossimilhante com que o narrador apresenta o enredo e até mesmo a constituição das personagens, as quais se apresentam como divindades, defunto, estrategistas, animais personificados, entre inúmeras outras possibilidades constitutivas.

No entanto há entre todos os exemplos acima uma certa unidade/singularidade que se associa ao uso da palavra e/ou letra como matéria prima. Etimologicamente, *literatura* é um termo oriundo de *littera*, que no latim significa letra, e que por extensão deu origem à palavra literatura, a arte de escrever; aquela que, grosso modo, se concretiza por meio da união de técnicas variadas, subjetividades e, sobretudo, expressividade. Tudo isso podendo eventualmente convidar o leitor a problematizá-la, abrindo caminhos para um universo de possibilidades interpretativas, que penetram no imaginário podendo entreter, despertar o senso crítico, emocionar, etc., compondo assim uma bagagem intelectual capaz de formar crítica e culturalmente um cidadão, fazendo-o compreender seus direitos e, sobretudo, os direitos de seus semelhantes, promovendo também o respeito e ajudando a amenizar o preconceito, a desigualdade, a violência tão latentes em nossa sociedade. Em suma, a literatura carrega em si a capacidade de humanizar, por direito, a sociedade como bem salientou Antonio Candido.

Diante dessas acepções é possível compreender a impossibilidade de constituir um conceito fechado da arte literária, porque se ela está a serviço da humanidade, como salientou Candido (2015), ela não distingue, não impõe, não limita... estando à disposição da subjetividade do artista e da sua capacidade de inovar e (re) criar temas e tendências.

Neste ponto, aproveito as portas abertas, dispostas pela literatura, para abordar sobre *literatura*

Indígena Contemporânea (AIC) proposta pelo artista macuxi Jaider Esbell, que tem sido objeto de muitas discussões teóricas, sobretudo devido ao seu caráter de reivindicação, voltada também para a “retomada” das narrativas indígenas que, na perspectiva deles (os indígenas e muitos não-indígenas) foi negligenciada por escritores não indígenas que não detinham autoridade – porque não conheciam de fato a cultura dos povos indígenas representados em seus respectivos textos.

Quando Jaider Esbell diz que a arte indígena toca nos sistemas de arte, provavelmente tem consciência de que não há como negar seus usos. Entendemos também quando ele a dissocia das demais, porque ele acreditava que cada obra é única, não por conta do sistema de reprodução escolhido, mas sobretudo porque cada artista cria a partir de suas vivências, subjetividades e perspectivas, imprimindo assim “sua marca” em sua arte (sem contar a colaboração do processo de recepção). Assim, tendo como mote essa citação de Jaider Esbell (“A arte indígena encosta na arte geral enquanto sistemas próprios, mas elas não se fundem nem se confundem, a priori.”), compreende-se que ele tinha consciência de que a arte indígena contemporânea dialoga com os modelos sistemáticos estabelecidos pela ocidentalidade e “não se funde e nem se confunde” com outros porque tem características, temas e técnicas que possivelmente a faz diferente dos demais sistemas.

E é justamente esse “o que o faz diferente dos demais” que se faz necessário para que um leitor compreenda e interprete coerentemente um texto literário de autoria indígena, tendo em vista as singularidades que compõem esse tipo de literatura/arte, sobretudo as influências ancestrais cosmológicas. E talvez Jaider Esbell estivesse pautado nestes aspectos quando propôs elaborar um sistema artístico indígena integrado, de certa forma, aos demais sistemas artísticos estabelecidos. Isso demonstra que ele tinha consciência que a arte indígena produzida no atual contexto é consequente do Movimento Indígena e, nesse sentido, intenta retomar aspectos culturais “tomados” e silenciados pelo processo de colonização.

Considerações finais: integrando a AIC no Sistema Prevalente

A discussão em torno da desvinculação entre a literatura indígena e a constituída pela história da literatura tem gerado uma possível disputa ideológica no contexto acadêmico. Não obstante, alguns escritores compreendem que a *Literatura Indígena Contemporânea* faz (ou pode fazer) parte da literatura com base ocidental. Dessa maneira, ao entrarmos em contato com os relatos, entrevistas e os artigos deixados por Jaider Esbell, percebemos que, diferentemente de alguns posicionamentos que negam a influência da arte ocidental nas obras indígenas contemporâneas, ele compreende a Arte Indígena Contemporânea como oriunda de um movimento incipiente (o Indígena), que visa a integração no sistema de arte prevalente em nossa sociedade (o ocidental). Esses apontamentos foram feitos por ele no vídeo intitulado *O Sistema da Arte Indígena em 10 minutos - Jaider Esbell*, elaborado para o Projeto Aulas Abertas - “NósUFMG”, disposto no “YouTube”. Nele, Jaider Esbell diz que a intenção dos artistas indígenas é “estabelecer comunicação por meio das artes”, ou seja,

integrar a AIC ao sistema dominante.

Vale ressaltar que o presente texto não intenciona desacreditizar a autonomia artística-literária dos artistas indígenas, nem mesmo provar que seus textos são subordinados àquilo que a ocidentalidade intitula de *literatura*. A intenção foi consistiu em apontar, prévia e minimamente que os textos de autoria indígena têm suas singularidades e que para que haja uma melhor interpretação desses textos é necessário que o público leitor reconheça algumas singularidades temáticas e estruturais desses deles (os textos), que podem se estender às demais manifestações artísticas.

Assim, antes do início da leitura de textos indígenas é de suma importância que se considere os principais temas abordados como a forte influência da Cosmovisão Indígena, os impactos referentes à Retomada da Ancestralidade e os temas ligados ao ativismo (denominado por Jaider Esbell de *Artivismo*). Tudo isso (entre outros aspectos) talvez possa conduzir um leitor inicial (de textos indígenas) à uma leitura mais adequada (porque de alguma forma se aproxima da intenção e escrita do autor), atenuando as barreiras interpretativas.

Referências

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZILBERMAN, Regina in: **(Novas) Palavras da Crítica** [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.